



A busca pela valorização do meio ambiente através de histórias infantis

**Cíntia Soares Guerin¹, Beno Cardoso Bairros², Elaine Terezinha Aragon³,
Leiza Hubert Flores⁴, Cisnara Pires Amaral⁵**

¹ Acadêmica da Universidade Regional Integrada/ URI (cintiaguerin@hotmail.com)

² Acadêmico da Universidade Regional Integrada/ URI (bcbairros@hotmail.com)

³ Acadêmica da Universidade Regional Integrada/URI (terezinhaaragon@bol.com.br)

⁴ Acadêmica da Universidade Regional Integrada/URI (lele_piprata@hotmail.com)

⁵ Professora da Universidade Regional Integrada /URI (cisenara@yahoo.com.br)

Sabemos que as histórias infantis fazem parte do universo da criança e de seu mundo de imaginação, vivenciamos a temática da natureza de forma explícita em filmes e histórias de modo que conseguimos identificar a preocupação constante com o meio em que vivemos, com as interrelações que se estabelecem e colaboram para a harmonia do planeta. Dentro deste contexto, o II semestre do Curso de Ciências Biológicas da URI- campus Santiago realizou um trabalho extensionista no colégio Estadual Cristóvão Pereira com alunos matriculados nas turmas de 2º, 3º e 4º ano do ensino fundamental, totalizando 60 discentes com o objetivo de estimular o cuidado com o meio ambiente, valorizar a biodiversidade e sua importância, identificando as relações que se estabelecem entre o homem e a natureza. Segundo Gutierrez & Prado (1999), educar para o reconhecimento de pertencermos a este mundo é “educar a imaginação, é ter fé nas possibilidades que nascem do processo educativo com vistas à construção de um mundo possível que se faz, se transforma e se constrói conosco”. Assim sendo, a questão foi oportunizar diversificadas experiências, propiciando reflexões, encontrando na contação de histórias formas de superar a visão de currículo como um conjunto de conhecimentos determinados a priori, delimitadores de tudo o que é vivenciado pelos estudantes e educadores, num espaço de tempo rígido.

Palavras-chave: Histórias, meio ambiente, aprendizagem

Tema: Educação Ambiental

The search for valuing the environment through children's stories

We know that the children's stories are part of the universe of the child and of his world of imagination, we experience the theme of nature in an explicit way in movies and stories so that we can identify the constant concern with the environment in which we live, with the interrelations that are established and collaborate to the harmony of the planet. Within this context, the II semester of the course of Biological Sciences of the URI-Campus Santiago held an extension job at the Public School Cristóvão Pereira with students enrolled in the classes of 2nd, 3rd and 4th year of Elementary School, totaling 60 students with the goal of encouraging care for the environment, enhance biodiversity and its importance, identifying relationships that are established between man and nature. Second Gutierrez & Prado (1999), educate for recognition of belong to this world is "educating the imagination, is having faith in the possibilities that are born of the educational process with a view to building a possible world, turns and build with us". Therefore, the issue was encouraging diverse experiences, offering reflections on storytelling, ways to overcome the vision of curriculum as a body of knowledge determined a priori, all delimiters is experienced by students and educators, in a hard time.



4º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 23 a 25 de Abril de 2014

Keywords: stories, environment, learning

Theme Area: Environmental Education



1. INTRODUÇÃO

1.2 As histórias infantis e o ensino de Ciências

Para Bizzo (2009) o ensino de Ciências deve, sobretudo, proporcionar a todos os estudantes a oportunidade de desenvolver capacidades que neles despertem a inquietação diante do desconhecido, buscando explicações lógicas e razoáveis, amparadas em elementos tangíveis.

Sabemos que precisamos inovar, despertar o gosto pela leitura, pelas histórias, liberar a criatividade para que o discente encontre nas aulas de ciências além de conhecimentos significativos, prazer e curiosidade instigada. Afirma Guimarães (2009) ensinar ciências é propiciar aos alunos situações de aprendizagem nas quais eles poderão construir conhecimentos sobre diferentes fenômenos naturais.

Pensando nisso, estimulamos o gosto pela leitura, enriquecendo o espaço de ensinar/aprender, pois é através da literatura que o homem se comunica, realiza interligações, trocas culturais. Assim nos sinaliza Rufino (1994) que a criança ao chegar na escola tem grande capacidade de fabulação (...) de inventar histórias, de ouvir e contar histórias. Isso é anterior à leitura, ao conhecimento do livro. E a escola (...) tem horror a fabulação, rejeita a capacidade de fabulação da criança (...) quanto mais a criança sobe na carreira escolar, menos gosto ela tem pela literatura, menos ela gosta de ler, ouvir e contar histórias. Então, pode se dizer nesse sentido específico, que a escola é o túmulo da literatura.

Para Silva (2008) cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinando algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende.

Aguiar (2001) relata que contos infantis são possibilidades de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo...) E assim consegue esclarecer melhor os nossos problemas ou encontrar um caminho possível para a resolução deles...

Nesse contexto, as histórias infantis estão intimamente ligadas ao meio ambiente, constituem um recurso didático que permite aos educandos construir e modificar conceitos e visões de mundo; além de facilitar o processo ensino-aprendizagem, tornando as aulas mais atraentes, significativas e diversificadas.

1.3 A educação ambiental e a prática educativa

O avanço das ciências e das novas tecnologias demandou um novo conhecimento sobre o meio onde estamos inseridos, sobre as relações socioambientais que se estabelecem, sobre as questões ser um aprendiz/mediador. Dessa forma precisamos dar ênfase as questões ambientais e as ações do homem na culturais e éticas.

Segundo Bicalho & Oliveira (2010) o professor deixa de ser mero retransmissor de informações e passa a natureza, pois a complexidade dos ecossistemas não é compreendida, os desequilíbrios são concebidos como passíveis de soluções simples, sem que se considerem as múltiplas e imprevisíveis consequências das ações degradadoras ou reparadoras sobre o meio.



Vivemos a constante preocupação ambiental, pois sabemos que o homem concebe-se centro do universo tornando a natureza objeto passível de manipulação e conquistas, efetuando ações que transformam ou alteram habitats para satisfazer suas necessidades. Desta gama de interferência temos como consequência o impacto ambiental, capaz de ameaçar a biodiversidade, daí a necessidade dos educadores trabalharem a Educação Ambiental como um tema capaz de desenvolver a criticidade, a opinião e o pensamento reflexivo.

Flickinger (1994) afirma que a Educação Ambiental deveria recuperar a responsabilidade íntima do agir humano, do dia-a-dia, pelas crises da natureza. Neste contexto, levaria o discente a compreender a interdependência entre os diversos elementos, utilizando os recursos de forma racional em prol do coletivo, melhorando a qualidade de vida.

A tendência da educação ambiental escolar é tornar-se não só uma prática educativa, ou uma disciplina a mais no currículo, mas sim consolidar-se como uma filosofia de educação, presente em todas as disciplinas existentes e possibilitar uma concepção mais ampla do papel da escola no contexto ecológico local e planetário contemporâneo. (Reigota, 2002, p.79-80)

Com a educação ambiental redimensionamos saberes para além do espaço de sala de aula, buscando formas alternativas, compreendendo a necessidade de estabelecer uma nova dinâmica de relação com o ambiente, propondo discussões sobre os papéis sociais de cada um, revendo concepções e ações pedagógicas.

A educação ambiental concebida na escola não será uma solução para a degradação ambiental, mas um processo contínuo de conhecimento e aprendizagem, capacitando o discente para uma visão crítica da realidade. Na medida em que se pretende que cada indivíduo possa e deva ser um agente de sua prática social, é preciso que ele se torne capaz de dominar, o mais possível, o conhecimento elaborado existente na sociedade em que vive.

Barros (2009) afirma que professores que trabalham com crianças do ensino fundamental conhecem seu potencial de participação em atividades que lhes são significativas. Para desenvolver um trabalho de educação ambiental nos anos iniciais, os educadores podem criar diversas atividades que façam o aluno a debater com seus pares, experimentar, investigar e atuar. É fundamental criar espaços coletivos de aprendizagem e potencializar o uso de recursos alternativos.

Dentro desta perspectiva encontramos o docente, mediador de conhecimentos, capaz de alterar e reestruturar os conteúdos relacionando-os com a realidade. Na educação fundamental assume função essencialmente pedagógica, no sentido de possibilitar a aquisição de conhecimentos, fazendo com que o discente perceba os diversos componentes da natureza na manutenção da vida, percebendo-se como agente histórico que exerce influências no meio.

Corrobora Demo (2006) neste contexto, não cabe inserir o professor em nenhuma panaceia, seja positiva, seja negativa. Não é a solução para tudo, nem é culpado de tudo. O processo de aprendizagem dos alunos depende de infinitos fatores, muitos endógenos ao ambiente escolar, outros exógenos. Quando ressaltamos o papel do professor, não estamos sugerindo que a ele se reduz o desafio da aprendizagem, mas que é um dos fatores mais sensíveis.

2. Materiais e Métodos

O trabalho foi desenvolvido pelos acadêmicos matriculados na disciplina de laboratório de Ensino de Ciências, que utilizaram o livro “As Aventuras da família Tamanduá”, de autoria de Jô Oliveira para recontar a história criando a partir das imagens um livro tamanho família. O livro narra a história de uma família de tamanduás que controlam através da alimentação as colônias de formigas, após ocorrer a retirada de seus habitats as formigas invadem o local originando um grande impacto ambiental. O trabalho ocorreu das 14 às 15hs, nos mês de



junho de 2013, apresentado para as turmas de 2º 3º e 4º ano do ensino fundamental- anos iniciais, totalizando 60 alunos, sendo uma turma por semana. Os alunos foram levados à brinquedoteca da escola, onde sentaram em círculo em almofadas para ouvir a narrativa da história, a partir das imagens do livro. Após a contação da história que envolvia a degradação ambiental, os alunos eram estimulados a responder alguns questionamentos que ocorriam através de brincadeiras e recebiam um quebra-cabeça para montar uma das cenas da história identificando personagens e sua importância. Os questionamentos eram realizados com a técnica da caixinha musical, apresentadas as seguintes perguntas aos discentes

1. Cite três animais que estavam presentes na história?
2. Onde eles viviam?
3. O que comiam os tamanduás?
4. Por que a alimentação dos tamanduás era importante?
5. O que aconteceu com os sapos quando seu José colocou veneno nas plantações?
6. Seu José cuidou do ambiente onde vivia?
7. Onde foram parar os tamanduás quando foram expulsos de seu habitat?
8. O que aconteceu na fazenda após seu José mandar os tamanduás embora?
9. Por que seu José foi buscar a família para viver na fazenda?
10. Ocorreu um desequilíbrio na fazenda? Por quê?
11. Podemos retirar os animais de seus habitats naturais e colocá-los em qualquer lugar?
12. Além dos sapos, quais os outros animais que foram afetados pelo veneno usado por seu Jorge?
13. Na história as formigas atingiram uma super população? Por que você acha que isso ocorreu?
14. Você acha que as formigas são importantes para o meio?
15. Como era o nome do papai Tamanduá?
16. Como viviam os animais da fazenda antes de seu Jorge começar as construções?

3. Conclusão

Após as apresentações concluímos que podemos pensar nos alunos como produtores e consumidores de culturas que podem se expressar em diferentes ambientes, e que a escola é um espaço privilegiado para a elaboração de diversas identidades, na reelaboração de conceitos, na humanização, no despertar da criticidade inserindo a educação ambiental para discutir a postura antropocêntrica, pela qual o homem domina e transforma tudo que o cerca. Identificamos que é no ensino fundamental – anos iniciais, que poderemos desenvolver o gosto pela leitura, estimulando o pensar, pois é nesta fase que as crianças começam a emitir opiniões, usando a criatividade para propor ações diversificadas. Barros (2009) afirma que para atingir suas finalidades, as atividades de educação ambiental devem abordar causas e consequências dos problemas, relacionando não só as responsabilidades individuais, mas enfatizando o envolvimento direto de modelo de sociedade na produção desses problemas. Percebemos que as histórias infantis ainda são objetos de interesse dos alunos, que através destas, as crianças estimulam a imaginação, conduzem sua autonomia, adotam novas posturas permitindo a contextualização da história com o meio onde vivem. Também observamos que o elemento mais importante está relacionado ao modo como o professor orientará esta



4º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 23 a 25 de Abril de 2014

atividade pedagógica, auxiliando o aluno a entrelaçar temas no espaço e tempo, viabilizando interpretar o saber escolar e o saber do mundo.

4. Referências Bibliográficas

- AGUIAR, V. T. *Era uma vez ... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- BARROS, M. L.T. *Educação Ambiental: no cotidiano da sala de aula: um percurso pelos anos iniciais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2009.
- BICALHO, R. S., OLIVEIRA, P. *Construindo o conhecimento: Ecologia*. Belo Horizonte: RHJ, 2019.
- BIZZO, N. *Ciências: Fácil ou Difícil?* São Paulo: Biruta, 2009.
- DEMO, P. *Aposta no professor*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FLICKINGER, H. G. *O ambiente Epistemológico da Educação Ambiental. Educação e Realidade* pág 197, Vol.19, nº 2 de julho/dez. Porto Alegre, 1994.
- GUIMARÃES, L.R. *Atividades para aulas de Ciências*. 1ª Ed. São Paulo: Nova Espiral, 2009.
- GUTIERREZ, F.; PRADO, F. *Ecopedagogia Planetária*. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.
- REIGOTA, M. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 2002.
- RUFINO, J. In: Mesa-Redonda – Simpósio nacional de Leitura (1994: Rio de Janeiro/RJ). Leitura, saber e cidadania / Simpósio Nacional de Leitura – Rio de Janeiro: PROLER/ Centro Cultural Banco do Brasil, 1994, p.98-99.
- SILVA, R.M.C. *Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro*. Brasília: uniceub, 2008.